

## LEOPOLDO PEREIRA: UM TRADUTOR NO (DO) SERTÃO MINEIRO

Ângela Maria Salgueiro Marques  
Doutoranda em Literatura Comparada - UFMG

Leopoldo Pereira, “o humanista do sertão”, como foi chamado pelo Prof. Aires da Mata Machado Filho, numa série de artigos (4 ao todo), publicados no Suplemento Literário do *Minas Gerais*, em 1966, é autor de um bom número de obras publicadas e praticamente desconhecidas, devido a sua pouca divulgação. Quando iniciei meus estudos na Faculdade de Letras de Diamantina, tive o privilégio de conhecer o famoso Prof. Aires, então diretor daquela Faculdade, que confessou-me a grande admiração pelo trabalho desse ilustre professor mineiro.

A partir desse encontro, decidi pesquisar mais sobre Leopoldo da Silva Pereira e tentar reunir o maior número possível de suas obras publicadas. Após vinte anos de intensa procura, encontrei um volume de *Versos*, seu único livro de poesia, num sebo em Belo Horizonte. Seu filho, o jurista e Prof. Dr. Caio Mário da Silva Pereira, enviou-me três exemplares das traduções de algumas obras da literatura latina feitas por seu pai: *Eneida*, de P. Virgílio Maro, *Poetas e prosadores latinos*, excertos de vários autores clássicos e *Anais*, de Caio Cornélio Tácito. Apesar de meus esforços, ainda não consegui localizar as outras traduções realizadas por Leopoldo Pereira: *São Paulo nos tempos coloniais*, que trata das viagens de Saint-Hilaire por aquele estado (Editora Monteiro Lobato, 1922); do italiano, o imortal *Francesca de Rimini*, de Sívio Pellico e, do catalão, o *Catecismo*, do Padre Antonio Claret. Ele deixou inéditos: uma *História da Literatura*, a tradução das *Viagens* de Saint-Hilaire ao Paraná e Santa Catarina e uma *Seleção* de autores latinos.

Além dessas obras, Leopoldo Pereira ainda escreveu dois romances: *Amor de infância* (1907, supostamente desaparecido) e *Destino perseguidor* (Belo Horizonte, Beltrão & Cia, 1914).

Este romance foi publicado também sob a forma de folhetim no jornal *Voz de Diamantina*, no ano de 1965.

Sua obra *Sintaxe da língua portuguesa*, publicada pela primeira vez no Rio de Janeiro, em 1898 e reeditada pela Imprensa Oficial do Estado de Minas, em 1923, foi aprovada pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Estado de Minas Gerais e adotada em várias escolas do estado.

Nascido em Milho Verde, município de Serro, Minas Gerais, em 18 de novembro de 1868, Leopoldo Pereira deixou-nos um retrato bem exato dos costumes dessas regiões de Minas Gerais, notadamente em sua obra *O município de Araçuaí*, publicada em 1913, em Belo Horizonte, por Beltrão & Cia e reeditada em 1969, em Belo Horizonte, pela Imprensa Oficial. Conforme as palavras de Eduardo Frieiro: “Não há nada melhor nem talvez igual na bibliografia corográfica mineira. Digna de menção nessa pequena e bem feita monografia é a análise das condições climatéricas da extensa região norte-mineira que hoje se inclui no polígono das secas.”<sup>1</sup>

Nesse ensaio, encontram-se alguns dados muito importantes sobre a fundação da cidade de Araçuaí, criteriosamente organizados em treze capítulos que abordam as notas históricas, mencionando os primeiros índios que habitavam a região, entre eles os Tapuias e os Botocudos. As notas geográficas descrevem o relevo, o tipo de solo, os rios Araçuaí e o Jequitinhonha e seus afluentes, a navegação em canoas feitas por um só tronco de ipê, as produções e o comércio entre as cidades e seus distritos.

Uma das questões de maior relevância para o autor era tentar descobrir as causas da diminuição das águas dos rios, assunto ao qual dedica dois capítulos. Segundo ele, as queimadas que provocam a devastação das florestas e o empobrecimento dos mananciais são reiteradamente

---

<sup>1</sup>FRIEIRO, Eduardo. No centenário de Leopoldo Pereira. In: *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 16 nov. 1968, n. 116, p.5. Suplemento Literário.

registradas, o que denota, desde então, uma preocupação ecológica ainda tão atual para nossa época. Os costumes são relatados de maneira interessante e são fruto de observações rigorosas, realizadas ao longo de quinze anos de anotações pessoais. Vale destacar o seguinte trecho sobre a figura do sertanejo:

O viajante que despreocupadamente atravessar o norte de Minas terá, se não me engano muito, a seguinte impressão a respeito da população: o sertanejo é esbelto, moreno, musculoso e forte, pouco propenso à obesidade; tem o olhar fino e malicioso; é expansivo, agradável e de hospitalidade verdadeiramente árabe; é ativo e facilmente irritável, de uma sensibilidade feminina em seus pontos de honra. A família é para ele o centro de seus pensamentos.<sup>2</sup>

Diante do exposto, pode-se dizer que Leopoldo Pereira atuou como um verdadeiro mediador cultural, traduzindo de maneira sensível, não só as belezas da região, mas também vários problemas enfrentados pelos fundadores, aventureiros e habitantes. Tal interesse, portanto, levou-o a ser considerado pioneiro em investigação de Geografia Humana, como atestam alguns críticos.

A relação de suas obras revela, pois, múltiplas facetas de uma atividade intelectual bem diversificada: dois romances, um livro de poemas, um ensaio histórico-geográfico, um manual didático sobre gramática portuguesa e as várias traduções já mencionadas.

A tradução de *Eneida* teve sua primeira edição em Belo Horizonte, em 1916, pela Imprensa Oficial, a segunda em São Paulo, em 1922, pela Melhoramentos e a terceira no Rio de Janeiro, em 1968, pelo Departamento de Imprensa Nacional.

*Poetas e prosadores latinos – Idéias da antiguidade* é uma obra que reúne a tradução de trechos de clássicos latinos com o objetivo de fornecer ao leitor os conceitos e juízos que os

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Leopoldo. *O município de Araçuaí*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969. p. 24.

romanos tinham do mundo e da vida. Foi publicada pela Melhoramentos, em São Paulo, 1924, e reeditada pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, em 1966.

No dia em que completou sessenta anos, Leopoldo Pereira deu início a sua última tradução, *Anais*, de Caio Cornélio Tácito, obra que somente veio a lume em 1964, pela Imprensa Nacional, do Rio de Janeiro, graças aos esforços de seu filho, o Prof. Dr. Caio Mário da Silva Pereira. No “Prólogo” dos *Anais*, destacam-se alguns pontos sobre as dificuldades por ele encontradas ao iniciar seu último trabalho e que também registram seu pensamento a respeito da práxis tradutória, sobre a qual revela a necessidade de lançar mão de comentadores e traduções anteriores.

Sabia que tinha de me avir com um prosador obscuro por sua concisão e pela sutileza do pensamento, e que à imprecisão natural da língua acresciam na linguagem dele embaraços de uma gramática freqüentemente bem diversa da dos escritores seus contemporâneos e anteriores. (...) Está claro que tive de estudar o texto e de recorrer para isso aos comentadores, porquanto creio que ninguém pode ter hoje a pretensão de entender um escrito que já conta quase dois mil anos de antiguidade, sem o auxílio dos que antes de nós o vieram decifrando e explicando, e com melhores elementos, como nos dias da Renascença, quando os humanistas faziam disto seu principal saber.<sup>3</sup>

Nesse sentido, é importante lembrar aqui o ensaio intitulado “A tarefa do tradutor”, de Walter Benjamin e que aparece pela primeira vez como prefácio de sua tradução de *Tableaux parisiens*, de Baudelaire. Note-se que, como prefácio, esse ensaio ocupa um lugar limítrofe, é um entre-lugar de dois textos: o original e a tradução. Cumpre ressaltar, ainda, as palavras do tradutor do ensaio de Walter Benjamin, Karlheinz Barck que, na “Apresentação”, também se vale da tradução francesa, realizada por Maurice de Gandillac, e adverte: “À versão portuguesa, portanto, deve-se considerar a tradução de uma tradução de um ensaio sobre os problemas e as tarefas... da

---

<sup>3</sup> PEREIRA, Leopoldo da Silva. *Anais*. Tradução da obra de Caio Cornélio Tácito. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1964. p.5.

tradução.”<sup>4</sup> Ao lançar mão de traduções anteriores, o tradutor está, na verdade, trabalhando com a tradição e fazendo com que o original sobreviva e seja divulgado para as futuras gerações. Nesse sentido, tanto o “Prefácio” de Benjamin, quanto a “Apresentação” de Barck e o “Prólogo” de Leopoldo Pereira parecem dialogar entre si sobre a difícil tarefa que empreende um tradutor.

Leopoldo Pereira continua explicando suas dificuldades com as seguintes palavras:

O mais difícil, porém, é que depois de estudado o texto e compreendido o pensamento, é mister achar a expressão conveniente dele, não uma expressão qualquer, mas a que usaria o autor, se tivesse de escrever na língua em que vai ser vertido. Além disso há de o tradutor sacrificar seu estilo próprio ao do autor, para que a versão tenha parecença com o original: não lhe será lícito desenvolver o pensamento nem encurtar períodos, mormente tratando-se de Tácito, que é um artista e põe às vezes toda a energia da frase em uma palavra ou no modo de empregá-la.<sup>5</sup>

Quanto à parença com o original e quanto ao fato de que Tácito põe toda a energia da frase em uma palavra ou no modo de empregá-la, nada é mais esclarecedor do que as palavras de Benjamin, quando assevera: “é a palavra, e não a frase, o elemento originário do tradutor. Pois a frase é o muro diante da língua do original, a literalidade a arcada.”<sup>6</sup> A transparência na tradução não é, pois, o *vis-a-vis* com o original, mas o vislumbrar, através da arcada de um portal, toda a energia da palavra, cujo muro (a frase) impede que se apreenda a visão total. E, com relação ao modo de empregar essa palavra, assim postula Benjamin, esclarecendo que “a afinidade das línguas anunciada na tradução nada tem a ver com a vaga semelhança entre imitação e original.”

Assim, retomando a argumentação de Benjamin, pode-se constatar a mesma preocupação do Prof. Leopoldo Pereira, quando procura “não uma expressão qualquer, mas a que usaria o autor, se tivesse de escrever na língua em que vai ser vertido”. Um outro exemplo que demonstra o cuidado pela escolha das palavras é lembrado pelo Prof. Dr. Caio Mário, em seu discurso:

<sup>4</sup> BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Karlheinz Barck. In: *Cadernos do Mestrado – UERJ*, Rio de Janeiro, n. 1, p.iii, 1992.

<sup>5</sup> PEREIRA, 1964. p.5-6.

<sup>6</sup> BENJAMIN, 1992. p.xviii.

Tinha meu Pai tal cuidado com a linguagem e com o estilo que quando trabalhava na tradução dos *Anais*, de Tácito, e pela antemanhã entrava eu no seu escritório a cumprimentá-lo, encontrava-o à frente dos originais do historiador e estilista, e ao lado um retalho de papel, em que deixava anotadas diversas palavras soltas, às vezes dezenas delas, explicando: “Encontrei uma expressão em Tácito que não poderá perder a harmonia e a força. Venho anotando aqui os sinônimos que me ocorrem, até que me advenha o vocábulo correspondente, em energia e concisão, ao original.” De outra feita, vendo-o empenhado em leitura fora do que lhe era habitual, inquiri-lhe o motivo, e recebi esta explicação: “Estou para escrever um discurso e, sem a pretensão de igualar-me a ele, procedo como Fenelon, que antes de escrever seu *Telemaque*, copiou à mão toda a *Odisséia*, no intuito de afeiçoar-se ao estilo de Homero.”<sup>7</sup>

Nesse “retalho de papel, em que deixava anotadas diversas palavras soltas”, é como se elas aguardassem seu processo de maturação, metamorfose e renovação, para que o original mantivesse sua pervivência (note-se que não é apenas sobrevivência, como registram os tradutores do ensaio de Benjamin), pois, “mesmo as palavras fixadas continuam a pós-madurar (*Nachreife*)”.<sup>8</sup> Esse processo, por sua vez, evoca a metáfora dos cacos da ânfora, uma das metáforas mais expressivas do instigante ensaio benjaminiano e definida do seguinte modo, em sua relação com a tradução:

Como os cacos de uma ânfora, para que, nos mínimos detalhes, se possam recompor, mas nem por isso se assemelhar, assim também a tradução, ao invés de se fazer semelhante ao sentido do original, deve, em um movimento amoroso que chega ao nível do detalhe, fazer passar em sua própria língua o modo de significar do original. Do mesmo modo que os cacos tornam-se reconhecíveis como fragmentos de uma mesma ânfora, assim também original e traduções tornam-se reconhecíveis como fragmentos de uma linguagem maior.<sup>9</sup>

Através desse jogo lúdico de copiar, para se afeiçoar ao estilo de outro autor, ou ainda, da prática cotidiana de catar sinônimos de palavras, Leopoldo Pereira se aproxima dessa linguagem maior a que alude Benjamin, pois, para este, “resgatar em sua própria língua essa língua pura,

<sup>7</sup> PEREIRA, Caio Mário da Silva. A imagem de Leopoldo Pereira pertence à paisagem pedagógica e humanística de Minas Gerais. In: *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 nov. 1968. p.2.

<sup>8</sup> BENJAMIN, 1992. p.x.

<sup>9</sup> BENJAMIN, 1992. p.xvii-xviii.

ligada à língua estrangeira, liberar pela transcrição essa língua cativa na obra, é a tarefa do tradutor”.<sup>10</sup>

Assim, as obras de Leopoldo Pereira se apresentam como portadoras de valores culturais e literários de uma tradição local que, no entanto, sob a ótica desse tradutor do sertão mineiro, é forte o suficiente para dialogar com o universal e o global.

---

<sup>10</sup> BENJAMIN, 1992. p.xx.